

Boletim Número 07**Data: Julho-Agosto/2001****EDITORIAL**

Os temas abordados neste sétimo número do boletim PROEALC revelam algumas das preocupações presentes no debate latino-americano hoje, no campo político. Implícita ou explicitamente são abordadas, no conjunto das seções aqui apresentadas, questões de fundo, relacionadas as novas formas de organização política, que são denunciadoras de uma crise sem precedentes que atinge as relações Estado/Sociedade num mundo globalizado dentro dos padrões neoliberais. Crise esta que não é apenas econômica mas, também, social, política, institucional e ética.

Ao mesmo tempo, pretendemos demonstrar que neste contexto também se intensifica o debate pela busca de alternativas tanto no plano de novos paradigmas teóricos, quanto no plano da construção de novas utopias. Não podemos esquecer que o novo milênio começou com a entrada dos comandantes zapatistas na cidade do México, no dia 11 de março. Conforme já mencionamos em número anterior, o movimento zapatista possui um profundo significado político que revela um novo horizonte civilizatório e evidencia uma proposta de luta que extravasa aspectos relevantes do patrimônio político progressista que herdamos dos séculos XIX e XX. As onze reivindicações zapatistas, isoladamente, nada têm de transcendente: trabalho, terra, habitação, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. É o conjunto que faz delas uma proposta alternativa ao neoliberalismo, como observou o sociólogo português Boaventura de Souza Santos.

É notório que a partir da década de 90, pudemos assistir não apenas as conseqüências excludentes da globalização neoliberal, como o aumento exponencial entre os países ricos e pobres e entre pobres e ricos de cada país. Entretanto, não podemos ignorar que em vários e diferentes países, também surgiram formas de resistência contra esses diferentes tipos de exclusão. Não as formas clássicas de resistência do movimento operário, que estávamos acostumados. O que surgiu foi outra coisa, movimentos rurais e urbanos, muitas vezes com alianças internacionais, para resistir contra os efeitos cruéis desse tipo de globalização. Todos eles reafirmam a necessidade de ampliarmos os nossos horizontes em termos analíticos e políticos.

Talvez esses movimentos representem alternativas capazes de superar o que Boaventura de Sousa Santos chamou de "colapso das expectativas", ou melhor a perda de direitos e da noção de cidadania que caracteriza o modelo político atual, no plano internacional.

Realizamos neste periódico um breve balanço do X Congreso de La Federación Internacional de Estudios sobre America Latina y el Caribe, realizado na Rússia entre os dias 25 e 29 de junho de 2001, do qual o PROEALC participou através da sua coordenação, e apresentamos o artigo Argentina: "Flexibilización y represión", de Sally Burch, que nos foi cedido pelo ALAI/Casilla Principal.

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

Os Novos atores da Cena Global

*Silene de Moraes Freire **

No curso da última década do século XX formou-se uma ampla coalizão de movimentos sociais, organizações não governamentais e correntes políticas na luta contra a globalização neoliberal. Esses grupos que tem exercido um papel de vigilância, denúncia e protesto cada vez maior, parecem ainda subestimados na reflexão das ciências sociais.

Um exemplo recente ocorreu nos dias 20, 21 e 22 de julho quando o presidente George W. Bush se reuniu com os chefes de Estado de outras nações industrializadas na Conferência do G-8 que ocorreu em Gênova, cidade portuária do norte da Itália. Na ordem do dia ocuparam um lugar destacado temas de peso, como o desenvolvimento econômico, o comércio e a dívida do Terceiro Mundo. Entretanto o mais interessante não estava no programa oficial. Para Gênova neste período convergiram milhares de manifestantes de todo o mundo, que tornaram sua agenda os temas da ordem do dia. Os protestos estão se convertendo em uma parte familiar dos fóruns mundiais, políticos e econômicos. Obviamente, a compreensão desse fenômeno muitas vezes é prejudicada pelos meios de comunicação que geralmente se centram em um pequeno número de manifestantes mais violentos, que pretendem desbaratar as conferências oficiais dessas reuniões, deixando que a mensagem mais importante da grande maioria dos manifestantes pacíficos acabe perdida no tumulto. Porém é uma mensagem que merece ser ouvida. Estamos sendo testemunhas dos primeiros sintomas de uma reação violenta à globalização neoliberal, cujos efeitos como observou o economista Jeremy Rifkin, é provável que sejam tão significativos e de tão largo alcance como foram os movimentos revolucionários a favor da democracia política e o capitalismo de mercado ao final do século XVIII.

Embora o processo de globalização também atinja fortemente a esfera cultural, fazendo com que a destruição da autodeterminação dos povos e da soberania do Estado-nação em favor dos órgãos mundiais de decisão, a exemplo do FMI e do Banco Mundial, conduzam à “adoração dos valores da sociedade neoliberal”, como mencionou o secretário adjunto de cultura do Rio Grande do Sul, Luiz Marques. Não podemos ignorar que as culturas locais estão voltando a despertar em todo o mundo. Na Índia, os consumidores destruíram recentemente estabelecimentos McDonald’s por transgredir as leis dietéticas hindus. Na Alemanha, o público está envolvido em um acalorado debate acerca do que é a cultura alemã na era da globalização. Na França agricultores enfurecidos tem arrancado as plantas geneticamente alteradas de Monsanto, afirmando que as mesmas ameaçam a soberania cultural francesa na produção de alimentos. Na Espanha, os povos mantêm seu empenho em preservar sua herança cultural em uma Europa sem territórios. No Canadá, as comunidades locais estão lutando para impedir a entrada da gigantesca cadeia de supermercados Wal-Mart pôr medo que se destrua os negócios do bairro e invadam os centros comerciais que representam a cultura tradicional das pequenas cidades.

Não restam dúvidas de que a globalização que parte da lógica imperialista constrói e cimenta a utopia totalitária da homogeneização cultural do universo. Daí porque o professor Nilton Santos criou o neologismo ‘globalitarismo’ para chamar a atenção sobre o totalitarismo que acompanha os passos da globalização em curso. A expressão atinge o centro da questão. A globalização está trocando a paisagem cultural de outras formas muito importantes. Na Europa, os idiomas nativos estão ficando para trás, diante do inglês, que é o idioma da globalização, e os observadores prevêem um continente de fala inglesa desde Calais a Moscou para finais deste século.

Entretanto, em Los Angeles, a história é muito diferente. Hoje 70% dos estudantes das escolas são imigrantes hispanos e os funcionários do Censo nos dizem que a maior parte dos americanos dos EUA serão de raças afro-decendentes em menos de quarenta anos.

A globalização do comércio e a diferença cada vez maior entre “ricos” e “pobres” está forçando uma grande imigração humana desde o Leste ao Oeste e desde o Sul ao Norte. Os movimentos migratórios, por sua vez estão tendo como conseqüência um choque de culturas em vários países, dado que os povos lutam por

conservar sua identidade cultural em um mundo que cada vez tem menos fronteiras. Não é correto dizer que existe uma aceitação sem resistências das mercadorias do Tio Sam e de um novo estilo de vida, o american way of life. Não se pode afirmar que a tentativa dos EUA de criar uma norte-americanização da cultura em nível mundial tenha sido concretizada.

Uma nova geração de ativistas culturais esta levando sua causa a cena mundial, provenientes de organizações da sociedade civil com fortes raízes na esfera cultural. Embora ataquem os temas políticos e econômicos globais, sua filiação, seus vínculos e seus compromissos pertencem as suas comunidades locais. A agenda oficial do G-8 fez escassa menção a este ativismo cultural, e nele reside o núcleo do problema.

A era do pós II Guerra tem estado dominada pela presença do comércio e dos governos dos países poderosos no panorama global. Agora existe novos atores, que reivindicam um papel igualitário no terreno internacional. As organizações que representam distintos interesses culturais (o meio ambiente, a conservação das espécies, a vida rural, a saúde, a comida e a gastronomia, as religiões, os direitos humanos, a família, os temas relacionados com a mulher, a herança étnica, as artes e outros assuntos relacionados com a qualidade de vida) golpeiam as portas de todas as reuniões mundiais políticas e econômicas, exigindo passar aos corredores do poder e um posto na mesa. Representam uma nova força política no cenário atual, ou seja, o nascimento de uma “nova política da sociedade civil” e um antídoto contra as forças que impulsionam a globalização.

Muitos dos novos ativistas culturais que foram à Gênova se opuseram ao que eles corretamente percebem como a colonização da cultura por empresas globais como Monsanto, AOL-Time Warner, e McDonald's. Se os líderes do G-8 estavam unidos em seu apoio ao comércio global, as organizações da sociedade civil estão igualmente comprometidas com a idéia de preservar sua identidade local e enriquecer tanto a diversidade biológica como a cultural. São essas duas visões contrapostas do futuro que tem levado aos enfrentamentos nas cidades de Seattle, Washington, Praga, Niza, Davos, Quebec, Gotemburgo, e mais recentemente em Gênova (cujo confronto culminou com a morte de um, manifestante).

É importante perceber as distintas visões ideológicas, o grau de antagonismo que se ocultam por detrás desses conflitos entre as mega empresas e governantes do primeiro mundo, por um lado, e os movimentos da sociedade civil antiglobalização, cada vez mais agressivos, por outro.

Quem sabe o melhor ponto de partida seja o reconhecimento de que a moda atual entre muitos líderes e interpretes políticos é de um materialismo estreito demais em sua orientação para abarcar a ampla variedade de interesses que representam esses novos movimentos políticos. O grande equívoco destes grupos é acreditar que a cultura guie a conformidade e não possa ser um elemento de resistência, quando sabemos que é justamente ao contrário.

Os novos ativistas da sociedade civil comprovam mais uma vez, que não existe um só exemplo ao longo da história, em que os povos tenham criado primeiro relações comerciais e estabelecido depois uma cultura. As relações de comércio e de governo podem ocorrer concomitantemente com o a criação de normas, ritos e expressões culturais, mas não são progenitoras da cultura. Por isso quando a esfera comercial começa a devorar as esferas culturais ela corre o risco de destruir o cimento social que dão lugar as próprias relações do mercado.

Infelizmente hoje em dia o setor cultural reside em uma espécie de limbo neocolonial entre o setor do mercado e do governo. A cultura tem se despojado de sua identidade clara e distinta e, para sobreviver tornou-se dependente dos outros setores. Somente se a cultura local se transformar em uma força política coerente e com consciência de si mesma será possível que se estabeleça seu papel essencial na construção de uma sociedade menos injusta. É possível que tenha chegado a hora de contemplar a possibilidade que Rifkin mencionou em recente artigo, de estabelecer uma Organização Mundial da Cultura que represente os interesses das distintas culturas do mundo e outorgue a ela o mesmo patamar da Organização Mundial do Comércio nos assuntos internacionais.

Certamente, conviria fazer uma advertência, de que esse restabelecimento da cultura pode desembocar em uma nova e perigosa forma de fundamentalismo com a mesma facilidade que em uma ressurreição da diversidade cultural. Em todo o mundo estão hoje no auge os movimentos fundamentalistas políticos e religiosos. Partidos políticos ultranacionalistas, grupos separatistas, movimentos de limpeza étnica e ressurgimentos religiosos também representam uma reação a ansiedade e insegurança provocados pelo

avanço da globalização. Os movimentos fundamentalistas também podem ser pensados como um intento de bloquear a comunicação com um mundo que se percebe como enfermo e pecador. As sensibilidades dos movimentos fundamentalistas os separam da maior parte das organizações da sociedade civil que também estão a favor do restabelecimento das culturas locais, entretanto reconhecem e respeitam o direito de existência de outras culturas num mundo de diversidades. A frase celebrizada por Jonh Lenon “pense globalmente, atue localmente”, apesar de estar manida por tantos anos de uso excessivo, segue refletindo as organizações da sociedade civil.

Muitos especialistas se preocupam que o surgimento do interesse nas culturas locais acabe inevitavelmente em xenofobia e em sentimentos ultranacionalistas. Não tem porque ser assim. Se pessoas de toda a parte chegam a pensar em seus recursos culturais não como posições a serem defendidas, senão como possibilidades de intercâmbios com os demais, então as grandes migrações do século XXI poderiam gerar um renascimento cultural e criar as condições de uma globalização menos excludente no plano social.

A capacidade dos partidos políticos e seus líderes para identificar e promover os interesses da sociedade civil e a diversidade cultural será essencial na hora de garantir o seu peso e sua viabilidade no século que se inicia. Esta foi a lição que nos ensinaram os jovens manifestantes, majoritariamente pacíficos, em Seattle a quase dois anos atrás. Foi uma lição que se repetiu em Gênova em julho. A questão é se demoraremos muito para acreditar e para reconhecer que novos atores já entraram na cena global e compreendermos o significado que eles possuem no contexto atual.

* A autora é professora adjunta do Departamento de Política Social da FSS/UERJ, Doutora em Sociologia pela USP e coordenadora do PROEALC.

Em Foco II

Especial Argentina

Argentina: Flexibilización y Represión

Sally Burch

Dos noticias de Argentina, que circularon con destaque internacional entre el 17 - 18 de junio, ilustran la encrucijada que enfrenta ese país. Por un lado, el anuncio oficial de la “flexibilización” de la convertibilidad, en un intento del Ministro de Economía, Domingo Cavallo, por reactivar la economía, expresa el fracaso del modelo económico introducido por él mismo hace una década.

Por otro, los enfrentamientos entre la población y la policía en Mosconi, Provincia de Salta, que dejaron un saldo de dos muertos, son el reflejo de la desesperación a la cual está llegando el pueblo empobrecido para hacer oír sus demandas de sobrevivencia a las autoridades.

Las medidas anunciadas por el gobierno, en la noche del viernes 16 de junio, contemplan el abandono temporal del tipo de cambio fijo -que es el eje de la convertibilidad- para el comercio exterior. Así, los exportadores recibirán 1.08 pesos, en lugar de uno, por cada dólar de ingresos por exportación. Este sistema regirá hasta que entre en vigor la ley de convertibilidad ampliada al euro (basada en una cesta que combina el dólar con el euro). De hecho, se trata de una medida sui generis que equivale a una devaluación, sin abandonar formalmente la convertibilidad.

Al mismo tiempo, el gobierno de Fernando de la Rúa anunció la rebaja de la tasa del IVA del 21 al 16%, en un plazo de dos años, y el aumento de los aportes patronales al 16%; pero desde julio, el IVA se aplicará al transporte urbano (10,5%) y el sistema de peajes se extenderá a todas las rutas del país. Con estas medidas, el gobierno espera recaudar 600 millones de dólares adicionales para reflotar las arcas fiscales.

La lucha de Mosconi Los eventos del norteño provincia de Salta no habrían sido sino un caso más de los “piqueteros” que desde hace meses vienen ocupando las carreteras del país en espera de obtener alguna

respuesta a sus demandas, si no fuera por la intensidad de la represión en la villa General Mosconi, que resultó en la muerte, el domingo 17, a manos de francotiradores, de dos jóvenes -uno de solo 16 años-, que según se informó, ni siquiera estuvieron participando en las movilizaciones. Se reportan también más de 40 heridos, algunos de bala.

Los pobladores acusan a la gendarmería de las muertes, versión respaldada por camarógrafos que filmaron la presencia de los francotiradores. Las autoridades, por su parte, acusan a grupos armados, que según ellas se estarían infiltrando en la zona, versión desmentida categóricamente por los pobladores, quienes, al conocer de la incursión de la gendarmería el domingo en la mañana, habían salido masivamente -más de 3000 personas- a respaldar al grupo de unos cien piqueteros que desde hacía 18 días mantenía cortada la ruta 34, que une a Argentina con Bolivia.

El corte está organizado por la Unión de Trabajadores Desocupados (UTD), a favor de un pliego de demandas en el que piden planes de empleo, entrega de 5000 módulos alimentarios, reincorporación de obreros municipales despedidos, esclarecimiento de las cuatro muertes provocadas con anterioridad por represión en la zona, y aumento del pago horario de \$0.90 a \$2.50 para los trabajadores de la ampliación del hospital. Piden además que las regalías de las empresas de hidrocarburos queden en el Departamento de San Martín para fomentar el desarrollo de la zona.

La provincia de Salta, ubicada en el extremo nordeste del país, tiene una distribución del ingreso entre las más inequitativas, sobre todo desde la privatización, hace una década, de la producción de hidrocarburos, en los cuales la zona es rica. De acuerdo con un estudio de la consultora Equis, la brecha de ingresos entre el 20% más rico y el 20% más pobre aumentó en un 30% en diez años. Salta tiene también uno de los más altos índices de desempleo, con el 14,9%, al que se agrega un 17% de subocupados.

Hasta las privatizaciones, General Mosconi era una ciudad de plena ocupación y relativo bienestar. La empresa petrolera estatal empleaba unas 3000 personas, donde un oficial ganaba US\$ 1200, y el Gas del Estado y el Ferrocarril también proveían empleo. Hoy, más del 70% de la población de Mosconi está desempleada, y los empleos que se consiguen son generalmente inestables, con sueldos "flexibilizados" de \$200.

Los acontecimientos de Mosconi no son aislados. Según un sondeo de opinión realizado por el Centro de Estudios Nuevo Mayoría sobre 605 casos en Buenos Aires, 55% de las personas entrevistadas tiene un familiar desempleado. Como advirtió el Nobel de la Paz, Adolfo Pérez Esquivel, quien visitó Mosconi: "No es con la represión que van a resolver estos problemas, sino con políticas sociales. Este gobierno está regando el piso con gasolina: una chispa puede llevar a consecuencias incontrolables".

Espaço Aberto

Breves Registros do X Congresso da Federação Internacional de Estudos sobre América Latina y Caribe

*Aline Silveira de Assis**

A Federação Internacional de Estudos sobre América Latina y Caribe – FIEALC – realizou em Moscou, Rússia, sobre os auspícios do Instituto Latinoamericano de la Academia de Ciencias de Rusia, no período de 25 a 29 de junho de 2001. O X Congresso do FIEALC, que congregou centenas de latinoamericanistas e caribólogos do mundo em torno da reflexão sobre El Aporte de Latinoamérica y el Caribe al Universo de Siglo XX, foi orientado para fazer uma análise do passado latino-americano e do Caribe e sua expressão no século XXI.

Tal como tem sido concebido, o Congresso de Moscou, caracterizou-se por sua orientação em considerar a América Latina e o Caribe não apenas objeto importante de investigações e estudos de diversas influências,

mas também sujeito ator, ou melhor, uma região relevante com participação ativa de seus países e povos no processo histórico universal, na economia, na política e na cultura mundiais. Os principais objetivos do FIEALC foram definidos pelos organismos internacionais de latino-americanistas, como: realizar um amplo intercâmbio no conhecimento e experiências dos estudos que sobre a América Latina vem realizando as instituições membros; fomentar o intercâmbio acadêmico dentro do mais absoluto respeito aos trabalhos e enfoques próprios de cada instituição; propiciar o intercâmbio de informações, publicações e diversas formas de reuniões: congressos, simpósios, mesas redondas, cursos, conferências e intercâmbio de investigadores; promover a interdisciplinaridade nestes estudos e informações a partir de atividades que enriqueçam o conhecimento derivado da confluência de diversas disciplinas; colaborar na criação de bibliotecas e centros de informação especializados na área latino-americana e na ampliação dos existentes. Todo o esforço do Congresso foi feito na direção de se promover um balanço do desenvolvimento da região no contexto mundial para, com base nessas premissas, poder projetar e explorar as tendências de inserção das sociedades latino-americanas e do Caribe na macro civilização do século que se inicia.

O Congresso que é bienal e foi realizado pela primeira vez no México, no ano de 1978, ao longo das décadas de existência tem despertado interesse cada vez maior entre os estudiosos dessas temáticas, sendo já uma referência obrigatória de intercâmbio dos Centros e Programas de Estudos sobre América Latina e Caribe. Em Moscou, o país que apresentou o maior número de representantes foi o Brasil, superando inclusive o número de participantes da própria Rússia, o que revela o interesse de estudo dos pesquisadores de nosso país pelo tema.

Os 111 simpósios que compuseram o Fórum Mundial, foram compostos por diversas comunicações que abordaram diferentes temáticas acerca da América Latina e Caribe, em diferentes momentos históricos. Os simpósios que despertaram o maior interesse dos participantes foram: La Izquierda Latinoamericana: pasado, presente y futuro; Reestructuración del Estado y Derecho; Educación y Ciencia como Premisas del desarrollo Integral e Latinoamérica ante Los Desafíos de la Globalización. Tal interesse demonstra a consonância das preocupações presentes no Congresso com as principais questões que abalam o cenário político atual. Outros registros, textos e artigos apresentados neste evento de inegável relevância para os estudiosos da área farão parte das publicações futuras de nosso Boletim.

* Graduanda em Serviço Social pela UERJ e Bolsista do PROEALC

Livros lançamentos

* ARRIGH, Giovanni. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2001.

* BRAVO, M^a Inês e PEREIRA, Potyra (orgs). *Política Social e Democracia*. São Paulo: Cortez, 2001.

Agenda Acadêmica

* 24 a 29 de Setembro: Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Historia (E.I.E.H). Villa de Leyva, Colômbia. Informações: Dirección Ciudad Universitaria, Edificio Manuel Ancizar, Departamento de Historia, Oficina 3062, Bogotá (Colômbia), Telefonos y fax: 57-1-3 165000, ext. 26039; 57-1-31 65291; 57-1-3 165288. Home Page: <http://www.humanas.unal.edu.co/ELEH> ou <http://www.geocities.com/enlahistoria2001>.

* 08 a 12 de outubro: X Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Informações: Telefones e fax: (0xx21) 2286-2846; (0xx21) 2537-9134. e-mail: cbas@jz.com.br.

Expediente**Reitor**

Profª Nilcéia Freire

Vice-reitor

Profº Celso Pereira de Sá

Sub-reitor de Graduação

Profº Dr. Isac José Vasconcellos

Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa

Profª Dra. Maria Andréa Loyola

Sub-reitor de Extensão e Cultura

Profº Dr. André Lázaro

Diretora do Centro de Ciências Sociais

Profª Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Coordenadora do PROEALC

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Editora Responsável

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)

Coordenação de Produção

Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ), Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ), André Felipe Carvalho Silva (PPGSS/FSS/UERJ) e Andreia de Souza de Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ).

Colaboradores

Aline Silveira de Assis (PROEALC/CCS/UERJ), Fernanda Ribeiro Rohem (PROEALC/CCS/UERJ), Maria das Graças Garcia e Souza (PROEALC/FSS/UERJ) e Célia Maria Seabra (INFOCCS/UERJ)

Projeto Gráfico

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

Diagramação

Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)

Revisão

Janaina Bilate Martins (PPGFSS/UERJ)

Raquel Ortega (PROEALC/IL/UERJ)